PODCAST

TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



Episódio 08 - Campos Corre

Daiane: Tá, deixa eu pensar uma...

Daiane *[cantando]*: Eu me afasto, me escuto, me percebo, se espante. Você foi embora e eu consigo me sentir gigante. Acho que sou melhor sozinha, sou melhor só minha.

Samara Costa: Campos do Goytacazes… é uma cidade do norte fluminense, os seus quase quinhentos mil habitantes fazem a vida acontecer entre o Rio Paraíba do Sul e a Costa banhada pelo Oceano Atlântico e acolhendo a maior produção de petróleo do Brasil.

Mas a gente não veio até aqui falar apenas sobre o desenvolvimento econômico da segunda maior cidade do estado do Rio de Janeiro.

Estamos mais interessados nos Corres de Campos. E por falar em Corre, andei pesquisando a origem do nome da cidade descobri que Goytacazes vem do tupi antigo, Guaitacá, que significa "grandes corredores".

E que tem tudo a ver com o episódio de hoje, já que vamos conhecer mais um corre de agentes culturais e instituições culturais desse território. Por aqui o teatro encontra o mercado, e a cultura se movimenta entre todos esses espaços. É disso que a gente vai falar nesse episódio: movimento.

Eu sou Samara Costa e esse o Território Vivo, um podcast Firjan SESI. E você? vem com a gente nesse corre?

Pâmela: Eu sou uma mulher negra, gorda, cabelo crespo. Estou de óculos também, de óculos dourado, transparente. Acho que é isso.

Samara Costa: Quando a gente fala de territórios onde arte e vida se misturam de verdade, Campos dos Goytacazes não pede licença pra entrar na conversa. Ela já está.

>>>> som de pessoas anunciando produtos na feira <<<<

Campos é uma cidade extensa. Onde o centro e os territórios ao redor contam histórias diferentes.E é no cotidiano, nos deslocamentos, nos caminhos, que muita coisa ganha forma. No vai e vem do Mercado Municipal de Campos, por exemplo, dá pra entender um pouco desse ritmo. As cores, os cheiros, as vozes, os encontros fazem do mercado centenário um território vivo. E é claro, a gente deu uma passadinha por lá.

Nesse chão, feito de cotidiano e olhar atento, também surgem processos artísticos que não se separam da vida. Como o de Pâmela. A voz que a gente escutou agora pouco se descrevendo é dela. Produtora cultural, fotógrafa e artesã. Uma artista que constrói a partir do que vive e do que sente.



Pâmela: Eu costumo dizer que eu tenho muita dificuldade de me pensar fora de Campos. Eu tenho raízes, de fato, muito enfincadas em Campos.

Samara Costa: Para Pâmela, o território não está desconectado das experiências, ele é o próprio ponto de partida. Foi entre a escola, a casa e os caminhos com a irmã que a arte começou a aparecer na sua trajetória. E foi também nesse atravessamento entre vida e criação que ela foi entendendo que não precisava escolher uma linguagem só.

Pâmela: Eu me identifico enquanto produtora cultural, fotógrafa, artesã. E vejo que eu estou me descobrindo em muitas abas e podendo experimentar, sabe?

Samara Costa: É assim, na experimentação que ela encontra formas de dizer o que às vezes nem sabia que estava sentindo. Seja na fotografia, seja na colagem ou na produção, o que aparece ali é sempre atravessado pelo que vem de dentro.

Pâmela: Eu acho que às vezes a gente se esconde um pouco, né? E aí eu acho que pela arte às vezes eu consigo comunicar como eu estou internamente, sabe?

Samara Costa: Nesse movimento, entre dentro e fora, o trabalho dela ganha corpo. Um trabalho que observa, registra e também devolve pro território outras formas de se ver. Pamela não faz isso sozinha, ela encontrou no caminho uma parceira que topou trocar com ela os desafios de fazer arte e cultura no interior do Rio.

Daiane: Eu sou a Daiane Gomes, tenho 32 anos, sou uma mulher negra de pele escura. Estou vestida de tons off-white, meio branco encardido. Estou usando um óculos preto com detalhes transparentes. Tenho piercing na sobrancelha e estou usando tranças curtas e algumas joias da cor prata.

Samara Costa: Se Pâmela constrói a partir da imagem e da experimentação, Daiane chega pela palavra, pela música e pela urgência de dizer.

Daiane: Eu me identifico enquanto uma cantora, escritora, compositora. Artivista independente.

Samara Costa: A arte, pra ela, não foi apenas uma escolha profissional. É quase uma missão que vem da escuta, da convivência, da memória. Das músicas que tocavam em casa e das referências familiares.

Daiane: Então, tem muito do que eu ouvia o meu pai ouvindo, do que eu ouvia a minha mãe ouvindo, as minhas tias. Então, a arte está na minha vida. Meu pai adorava Cassiano, meu pai adorava a raça negra, ouvia Tim Maia, eu ouvia muito samba. Minha mãe ouvia Roberta Miranda e eu adorava essa sensação de poder estar ouvindo a minha mãe, ouvindo música e compartilhar desse momento comigo.

Samara Costa: Mas transformar isso em caminho não foi imediato. Foi processo. Foi construção interna e externa também.

Daiane: Eu escrevo muito sobre o que sinto, o que eu vivo. Eu escrevo sobre ser uma mulher negra lésbica… mas não só, porque eu não sou só o que o racismo fez comigo.



Samara Costa: A escrita, a música e a arte, no caso da Daiane, também são sobrevivência. E se apresentam cotidianamente como possibilidade de existir.

> **Daiane:** É porque viver, pra mim, só é possível a partir disso, através disso.

Samara Costa: É no encontro dessas duas trajetórias, que nascem em lugares diferentes, mas se reconhecem, que surge uma outra possibilidade.

Um espaço cultural construído a muitas mãos, a partir da escuta e da necessidade de criar caminhos dentro do próprio território. A Casa Afroraiz. Mas isso a gente te conta daqui a pouco.

Campos dos Goytacazes é uma cidade grande. Mas quando o assunto é acesso à cultura, o cenário é outro. São poucos equipamentos culturais, apenas três teatros para quase meio milhão de pessoas.

E, fora desses espaços, muitos artistas seguem criando sem estrutura, sem palco e sem visibilidade.
É nessa dualidade entre potência e ausência que essa história acontece.

Aqui encontramos a Firjan SESI que desenvolve iniciativas fundamentais para o território possibilitando que os artistas de Campos experimentem, realizem trocas e aumentem seus repertórios artísticos. Encontramos também a Casa AfroRaiz e vamos conhecer melhor os frutos desse encontro agora.

> **Daiane:** Então a gente pensou, ah, a gente precisa de um espaço que consiga abraçar essas narrativas que precisam ser ouvidas.

Samara Costa: Esta é a Day, da Casa AfroRaiz.

> **Daiane:** E aí,a partir dos nossos trabalhos individuais, a gente teve a ideia de abrir um espaço, alugar uma casa que a gente pudesse morar para ser mais econômico, mas que também pudesse ter algumas atividades como exposições, rodas de conversa, shows, feiras, para poder abraçar essas linguagens. E aí surgiu a primeira Afro Raiz.

Samara Costa: Diante da falta, surge uma decisão: não esperar o espaço existir, mas criar um. E criar, aqui é estratégia. É pensar como a arte pode circular, gerar renda e sustentar quem faz cultura no território.

> **Daiane:** A Casa Afro Raiz nasce desse sonho coletivo… de abrir caminho tanto para os nossos trabalhos quanto para os trabalhos de pessoas que estão à nossa volta

Samara Costa: Mas transformar sonhos em espaço exige mais do que vontade. Exige gestão, escolha e adaptação. Fazer cultura também é organizar recursos, dividir custo e pensar sustentabilidade.

> **Daiane:** A gente é rodeada de artistas e a gente via muito potencial nesses artistas e sentia a ausência de lugares que conseguiam comportar esses artistas. A gente chegava nos espaços, a line-up aqui na cidade era muito reduzida, não tinha artistas negros trazendo seus trabalhos. Mas aí tinha exposição e não tinha, a gente não se via.

Samara Costa: A casa nasce assim: como solução prática e como gesto político. Um espaço onde artistas podem experimentar, se apresentar e, sobretudo, se reconhecer como trabalhadores da cultura.



Daiane: E muitas das atividades que a gente realiza hoje são atividades que a gente já realizava antes e não tinha esse espaço lar, esse espaço casa.

Samara Costa: A partir daí, a Casa AfroRaiz começa a funcionar como uma rede. Um circuito onde a arte circula, encontra um público e também ganha valor. Fazendo se desenvolver um ecossistema que envolve arte, cultura, trabalho e renda. Pergunto para Pam quantos artistas a casa atende em média, ela faz um cálculo em voz alta e nos ajuda a entender

> **Pâmela:** De artistas, a gente tem uma média de 20 artistas plásticos… com músicos vai pra 35… equipe passa dos 50… pessoas que passaram pela casa já chegam perto de 90.

Samara Costa: Esse movimento não fica restrito à casa.

> **Daiane:** E ainda tem o público, né, que o público também é atingido, e o público daqui, daqui da cidade. Mas tem uma expansão territorial, assim como tem artistas daqui, artista do Rio, artista de São Paulo que expõe na casa, a gente tem artista do interior de Porto Alegre.

Samara Costa: Conecta territórios, artistas e públicos de diferentes lugares. Faz pessoas circularem pela cidade de Campos de Goytacazes e encherem de vida espaços culturais como o Teatro Firjan SESI. Mas sustentar esse espaço é um desafio constante. Entre criação e sobrevivência, existe a necessidade de um equilíbrio delicado que precisa ser reinventado o tempo todo.

> **Daiane:** É muito bom quando tem algum recurso de algum edital, Isso faz a gente conseguir fazer a manutenção das atividades.

Samara Costa: E quando dá certo, o impacto é direto. A arte vira renda.

> **Daiane:** E artistas que começaram, chegaram na casa, tipo, era uma exposição acho que de seis artistas, e foram aprovados cinco que eram da casa. E aí, tipo, uma das artistas, ela chegou na casa dizendo que nunca tinha exposto e o único quadro que ela vendeu, ela meio que pagou para poder vender o quadro. Tipo, vendeu o quadro por 50 reais e aí teve que fazer o envio. E aí a gente vendeu a obra da pessoa de 900 reais na casa. Tipo, consegui fazer toda essa organização.

Samara Costa: A Casa AfroRaiz também conta com uma parceria contínua com o Firjan SESI. como forma de democratizar o acesso, elas tem o Passaporte Cultural de Cria. Esta parceria garante a ida das crianças da comunidade e pessoas jovens e adultas para assistir às peças no teatro .

Em um território com pouca infraestrutura cultural, o acesso à cultura faz muita diferença. Essas conexões ampliam repertórios, contribuem com a formação de platéia e criam novas possibilidades para artistas e para a comunidade.

Hoje, a Casa AfroRaiz é mais do que um espaço. É uma rede em expansão e uma parceria como essa do Firjan SESI é fundamental para o fortalecimento do espaço cultural

Tudo isso entendendo o território como espaço de circulação da economia criativa.

Um espaço onde arte, trabalho e território se enlaçam. Onde cultura também é infraestrutura, também é economia. E isso impacta muita gente.



Daiane: Quando um artista da casa pisa num lugar… ele não pisa sozinho.

Samara Costa: Um caminho onde ninguém precisa caminhar só, pois em parceria vamos muito mais longe.

Alexandre Ramos: Eu sou Alexandre Ramos, mas todo mundo me conhece como Ferran. Eu sou homem negro, pele clara, magro, 1,80m, cabelo curtinho e barba. Tô usando uma camisa branca, calça cinza e um tênis preto.

Samara Costa: Depois de conhecer os corres que nascem dentro do território (como o de Pâmela e Daiane) a gente atravessa a cidade e chega em outro ponto dessa rede. Um espaço institucional. Um teatro. Mas que, aos poucos, também vem aprendendo a escutar e dialogar com o que já existe em Campos.

É aqui que o caminho da Daiane encontra o do Ferran. Não por acaso, mas vamos conhecer um pouco mais o Ferran.

Alexandre Ramos: Eu cheguei aqui como auxiliar de produção cultural. Ajudava nas montagens, nas produções. E aí fui passando por outros cargos, sendo promovido, até que em 2023 cheguei à coordenação.

Samara Costa: A trajetória dele começa de dentro. Antes da gestão, veio o fazer. O montar palco, o acompanhar a produção, o entender como um teatro funciona no dia a dia. E quando ele chega na coordenação do Teatro Firjan SESI Campos, o momento já é outro.

Alexandre Ramos: Eu cheguei num momento em que a gente já estava pensando mais nas programações voltadas pro território. Olhando para o que estava sendo produzido aqui e como abrir as portas pra essa galera.

Samara Costa: Abrir as portas. Na prática, isso significa criar pontes entre o que acontece fora e o que acontece dentro do teatro. Significa olhar para artistas como a Daiane, que constrói seu trabalho de forma independente, coletiva, a partir da Casa AfroRaiz, e entender que esse público também pertence a esse espaço.

E que esse espaço também precisa pertencer a eles.

Alexandre Ramos: A gente começou atingindo um público que nunca tinha vindo, que não tinha acesso. Isso trouxe uma cara nova pra gente também.

Samara Costa: O projeto Quintas Acústicas nasceu com o propósito de impulsionar e reconhecer talentos locais. A primeira edição aconteceu ali em meados de 2023 e todo mês um novo artista ocupava o palco pra encantar o público e encher de vida o Teatro Firjan SESI.

O primeiro show do projeto Quintas Acústicas foi justamente com a Daiane.

Daiane: Sem sombras de posses, eu te dei canções, te dei poemas, até te dei sorte. Tu queria provas, me sufocar, a pressão foi forte. Tive que decidir, então me escolhi.

Samara Costa: Uma artista do território, com uma trajetória construída na raça, na escrita, na música e na coletividade. E junto com ela, chegou um público que também nunca tinha pisado ali.



Gente que vinha pela primeira vez. Que perguntava como funcionava. Que não se reconhecia, até então, naquele espaço. Mas que, naquele dia, entrou. E ficou.

> **Alexandre Ramos:** O público se transformou muito. Antes vinha pra assistir grandes espetáculos que circulavam pelo país. Hoje a gente tem um público mais diverso. Isso é uma meta nossa. Diversificar o público.

Samara Costa: Diversificar o público é também reconhecer que o território já produz cultura. Que não é preciso trazer tuuuudo de fora. Que o que nasce em Campos, como a música da Daiane e como os encontros da Casa AfroRaiz, também tem força de ocupar o palco.

> **Alexandre Ramos:** Eu procuro diversificar nas linguagens e na relevância. O que esse artista pode trazer de público? Esse é o nosso fim.

Samara Costa: Mas talvez não seja só o que o artista traz de público. É também o que esse encontro produz. Porque quando a Daiane sobe naquele palco, não é só um show. É a conexão entre dois mundos que, por muito tempo, caminharam separados. O palco e o território.

> *[agulha arranhando vinil, trilha dançante, sapatos arrastando no chão, crianças brincando]*

> **Alexandre Ramos:** A minha família sempre foi muito musical. Eu ficava olhando os discos de vinil enquanto todo mundo dançava. Acho que isso foi me abrindo a mente pra arte.

Samara Costa: Assim como na história da Daiane, a arte também começa em casa. Mas, no caso dele, foi o encontro com o teatro que abriu caminho.

> **Alexandre Ramos:** Quando eu cheguei aqui, eu tive contato com arte. E aí o mundo se abriu para mim. E Campos virou a melhor cidade do mundo. Eu tinha os melhores amigos, eu fazia os melhores rolês, porque eu ia assistir peça de teatro, ia assistir para show, eu ia para os eventos, os festivais que tinha em praça. A cidade abriu minha cabeça.

Samara Costa: E talvez seja isso que ele tenta devolver hoje.

Criar experiências que abram caminhos para outras pessoas. Como um dia abriram para ele. Como agora se abrem para quem chega pela primeira vez, muitas vezes levado por artistas como a Daiane.

> **Alexandre Ramos:** Eu continuo porque acredito. A arte transforma. A arte é a saída.

Samara Costa: Quando ele fala de transformação, não é abstrato. Está no público que muda. Está nas portas que se abrem. Está nesse encontro entre a Casa AfroRaiz e o Teatro Firjan SESI. Entre quem cria e quem gere. Entre quem esteve e quem começa a chegar.

> **Alexandre Ramos:** Eu queria deixar um legado de impacto mesmo, assim, impacto social mesmo, sabe? A gente, de fato, hoje é um teatro que mais tem programação cultural na cidade acontecendo, que mais atinge público nesse sentido. É um teatro muito bem equipado, é um teatro muito bem aceito para a sociedade, de relevância, mas eu acho que mais, eu acho que impacta mais para a sociedade e para dentro da instituição também. A instituição acreditar que a gente é capaz de transformar também, assim como a gente faz com a educação profissional, assim como a gente faz com a educação básica, saúde e lazer, a gente também é capaz de



impactar a sociedade, o estado do Rio de Janeiro, através da cultura. A gente tá fazendo isso, tá no caminho.

Samara Costa: E talvez esse impacto já esteja acontecendo. Cada vez que um novo público entra no teatro. Cada vez que um artista do território ocupa o palco. Cada vez que esses caminhos se cruzam. Porque, no fim, o corre da cultura em Campos não acontece só de um lado.

Ele acontece quando essas redes se encontram. E seguem, juntas, em movimento.

Samara Costa: E esse foi mais um corre contado a partir de Campos do Goytacazes! Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor o Pâmela, Daiane e Ferran, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura. A gente se encontra no próximo episódio e em outro lugar. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan SESI.
A realização é da Firjan SESI e a produção é da Gandaia.